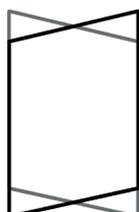


**SEM OLHOS OU ECOS DE MARIA**

**quadrinhizar como apropriação e pós-produção**



**Sem olhos ou ecos de Maria:  
quadrinhizar como apropriação e pós-produção**

é parte integrante da tese “Espaço rompido”,  
de Guilherme E Silveira  
Programa de Arte e Cultura Visual da UFG  
Linha: Poéticas artísticas e processos de criação.  
Orientador: Prof. Dr. Edgar Silveira Franco

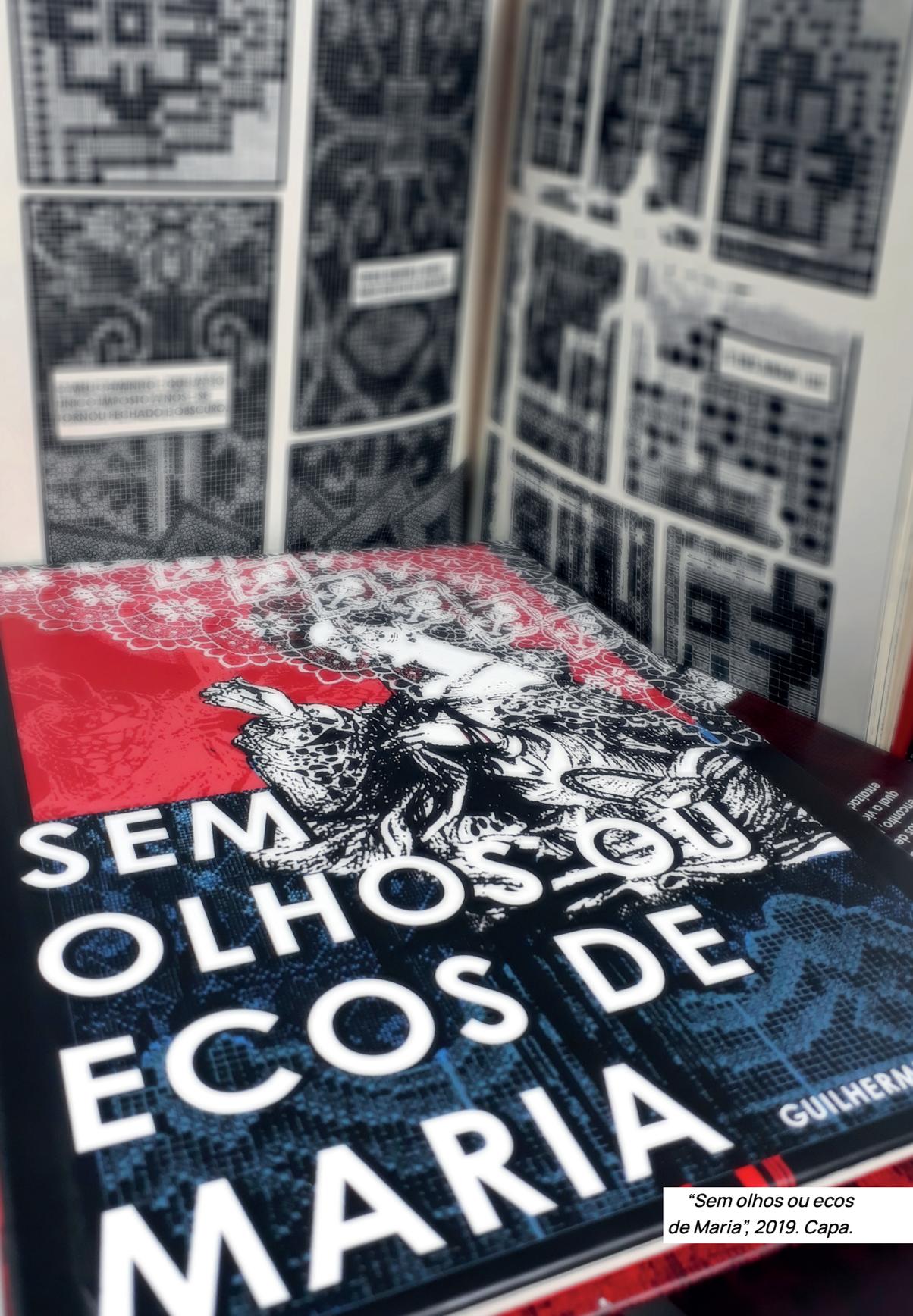
**Goiânia**

**2022**

# sumário

1. SEM OLHOS OU ECOS DE MARIA .....	5
1.1. DEBATES OU PROPONDO PROCESSOS .....	5
1.2.“SEM OLHOS” OU MIRANDO O CONTO E SEU SUPORTE .....	6
1.3. ESCREVER QUASE SEM ESCREVER OU APROPRIAÇÃO E PÓS-PRODUÇÃO .....	9
1.3.1. Algumas apropriações ou contaminações .....	17
1.4. INSTAURAÇÃO OU DE QUANDO A MÃO COMEÇA A PENSAR ..	19
1.4.1. Títulos narrativos ou costurando com palavras .....	21
1.5. MONTAGEM INFRANARRATIVA OU SEQUÊNCIA-CONCEITO .....	25
1.6. ECOS DE MARIA OU UM PROCESSO ERRÁTICO-FORMATIVO ..	30
NOTAS .....	32
REFERÊNCIAS .....	33
LISTA DE FIGURAS .....	34





SEM  
OLHOS OU  
ECOS DE  
MARIA

GUILHERME

*"Sem olhos ou ecos de Maria", 2019. Capa.*

# 1. SEM OLHOS OU ECOS DE MARIA

“Haverá apenas sinais, singularidades, pedaços, brilhos passageiros, ainda que fracamente luminosos”  
(DIDI-HUBERMAN)

## 1.1. DEBATES OU PROPONDO PROCESSOS

Quando propus esta investigação poética em quadrinhos, passei a me debruçar sobre os mais diversos temas que poderiam tangenciar e atravessar a minha produção, a fim de encontrar novos problemas e elementos que impulsionassem a criação. Questões como a transparência, a mecanização da sociedade, as imposições e distorções que tentam relegar a inventividade a um espaço de exclusão, gravitam meu trabalho, são de interesse pessoal e se aguçam durante a pesquisa, colocando o campo da abstração como um campo crítico; possibilidade de esboçar pequenos desvios, táticas e profanações do cotidiano.

Em meio a isso, em 2019, participei do SELISIGNO, na UEL, no simpósio “Estratégias de reencatamento ou recriação do mundo: o terror, o horror, a loucura e o absurdo.” Quando ainda estava definindo o que iria apresentar, minha companheira ia apresentar um trabalho sobre o conto “Sem olhos”, de Machado de Assis. Ela, pesquisadora de literatura do séc. XIX e do referido autor, propôs uma reflexão sobre a construção de um “horror como cortina” que o escritor cria nesse conto. A partir de nossas conversas surgiu a ideia recriar o conto. Levando-o para o campo das abstrações nos quadrinhos, uma operação de deslocamento bastante distante que achei interessante enfrentar.

O processo criativo não tem tempo exato, pode se resolver muito rapidamente ou se estender. Levei a discussão para o seminário com muito pouco material produzido, ainda assim, as discussões foram estimulantes por ampliar as referências de obras que lidavam com temas do conto, como censura e olhar;

posteriormente apresentei o desenvolvimento do trabalho em outro evento – “I Encontro Recepção contemporânea de Machado de Assis: 180 anos”, na UERJ – , sendo um encontro específico sobre o autor, tive também uma recepção muito interessada e aberta ao debate que ajudou a aprofundar a compreensão do conto e do autor.

Na edição final, impressa em novembro de 2021 e divulgada a partir de janeiro de 2022 pelo selo Risco impresso, somamos – a minha companheira e editora, Vizette, e eu – o texto original de Machado de Assis, a fim de que o leitor pudesse ter contato com a narrativa que deu origem à HQ. Além disso, no livro também se somam um prefácio escrito pela pesquisadora e crítica dos quadrinhos Maria Clara Carneiro, da UFSM, e uma apresentação da pesquisadora e crítica Silvia Maria Azevedo, da UNESP/Assis. Nesses textos as pesquisadoras apontam para o aspecto poético e para a obra enquanto uma desleitura.

O publicação final tem 104 páginas impresso em papel pólen bold 90g, em preto e branco, inclui a capa dura colorida e o formato de 15x21cm, aproximando o objeto final do livro literário convencional, procurando somar um pouco desse sentido cultural na relação proposta pela obra.

## **1.2. “SEM OLHOS” OU MIRANDO O CONTO E SEU SUPORTE**

Boa parte dos contos da primeira fase de Machado de Assis ficaram apenas no “Jornal das Famílias”, já que alguns deles foram publicados nos livros “Contos fluminenses”, 1870 e “Histórias da meia noite”, 1873. “Sem olhos” é um desses contos que ficaram apenas no jornal. Não há como garantir o motivo exato da seleção e abandono dos contos pelo autor, mas, entre as possibilidades, aposta-se em um projeto estético antirromântico (SEIDEL, 2020). Correndo o risco de cair em um engano, arrisco-me a entender o conto “Sem olhos”, abandonado por Machado de Assis, como um conto que mais

se adequa aos preceitos do jornal em que foi publicado, do que ao projeto de subversão do romantismo proposto pelo autor. Esse fato aponta diretamente para o moralismo contido no conto – ironia do autor ou concessão às expectativas do periódico?

O “Jornal das Famílias”, onde o conto foi publicado originalmente, era uma publicação preocupada com a instrução moral, “destinada a atender às expectativas de um público majoritariamente feminino” (CRESTANI, 2007, p. 19), esse público, assim como a publicação, eram “fiscalizados” pelos pais e maridos, garantindo assim o tipo de informação amena que circulava entre as mulheres.

“Sem Olhos”, que foi publicado em dezembro de 1876, janeiro e fevereiro de 1877, é um conto moralizante e castrador ao olhar da mulher. Xavier (1986) explica que as principais características do papel feminino que predominaram no século XIX foram a passividade, a dependência e a emoção:

No que se refere aos parâmetros exigidos como ideais para a mulher tradicional (...) ressalta o amor, o casamento, a virgindade, a modéstia, a submissão voluntária. Esses foram os valores que a civilização liberal cristã burguesa ofereceu à mulher. (Xavier, 1986, p. 31).

Esse contexto não é desconhecido hoje e vem sendo desconstruído e repensado por diversas autoras do feminismo e em diversos âmbitos socioculturais. São processos lentos e conturbados de desconstruir e reconstruir um pensamento que se sedimentou e manteve-se dominante e inquestionável por tempos. A construção desse pensamento por meio dos menores detalhes é o que me levou à vontade de retrabalhar o conto Machadiano, um conto que se traveste de narrativa de horror, contendo muitos elementos comuns ao gênero: um encontro noturno, a dúvida e o ceticismo de alguns personagens, uma história narrada por um dos personagens que ao final põe abaixo o ceticismo por meio do assombro.

Sob o véu do horror o que se destaca no conto para mim é o fato de que uma complexa estrutura *mise en abyme* é criada para

moralizar a mulher, acabando por delimitar seu espaço de ação. Em um sarau Antunes, solteiro, e D. Maria do Céu, casada, flertam, enquanto outro personagem, o desembargador, narra uma história sobrenatural. A história conta como o desembargador conheceu Damasceno, personagem soturno e doente. Durante a amizade, Damasceno conta ao desembargador a sua história com Lucinda, a quem ele amou arrebatadamente e, assim, não resistiu olhá-la, mesmo sendo ela casada. O marido, percebendo a troca de olhares, pune a personagem: Lucinda tem os olhos arrancados com ferro em brasa. Após todo esse ato violento, o verdadeiro horror, a história do desembargador se conclui ao presenciar a aparição do espírito de Lucinda ao moribundo Damasceno. A conclusão contém a prova para todos do salão que de fato, o sobrenatural existe, mas, o incômodo do aviso moral é que fecha o conto:

– Pois é pena! exclamou o desembargador; a história de Lucinda era melhor que fosse verdadeira. Que outro rival de Otelo há aí como esse marido que queimou com um ferro em brasa os mais belos olhos do mundo, em castigo de haverem fitado outros olhos estranhos? Crê agora em fantasmas, D. Maria do Céu?

Maria do Céu tinha seus olhos baixos. Quando o desembargador lhe dirigiu a palavra, estremeceu, ergueu-se. O bacharel também se levantou, mas foi dali a uma janela – talvez tomar ar – talvez refletir a tempo no risco de vir a interpretar algum dia um hebraísmo da Escritura. (SILVEIRA, 2021, p.99)

Talvez, no período, o que de fato instigasse na história era o tema do adultério, prenunciado pelo flerte entre o bacharel Antunes e Maria do Céu. Mas hoje o impacto se desloca e por mais que o aviso seja direcionado pelo narrador a ambos, as falas do desembargador só citam Maria do Céu, assim como a violência declarada à Lucinda. O conto, assim como toda a composição do periódico e de outros espaços de convívio, sem fazer a ameaça de maneira direta, cria um discurso que impõe um lugar moral. Em todos seus diferentes tempos, o conto mostra mulheres que são subjugadas direta ou

indiretamente pelos homens, com destaque para o impedimento do olhar, que é um movimento comum na relação de dominação. Mirzoeff (2016) nos lembra quanto à força despendida pelos colonizados, escravizados e oprimidos pelo direito de olhar. O olhar gera novas visualidades possíveis e é por isso mesmo considerado uma tática, uma contrainsurgência. O olhar vai muito além da visão; ele representa também a partilha, a expressão de solidariedade para que seja possível “inventar o outro”, e assim, inventar a si mesmo.

Essa invenção é comum. (...) Porque há uma troca, mas nenhuma criação de um excedente. Você, ou seu grupo, permite que um outro te encontre, e ao fazê-lo, você encontra tanto o outro quanto a si mesmo. Isso significa requisitar o reconhecimento do outro a fim de ter um ponto de partida para reivindicar um direito e determinar o que é certo. (MIRZOEFF, 2016, p.746)

A conquista do direito do olhar nos dá o direito da escolha, por isso o dominador prefere ter o controle do olhar, para manter também o controle das visualidades e do imaginário; ele toma para si a liberdade e a identidade do outro.

### **1.3. ESCREVER QUASE SEM ESCREVER OU APROPRIAÇÃO E PÓS-PRODUÇÃO**

A instauração dessa obra proposta se deu a partir de uma releitura focada nas entrelinhas do conto, no que ele grita sem dizer, em uma relação sobre a questão do impedimento de olhar e o teor ideológico da imprensa oitocentista – recorri à minha companheira, Vizette Seidel, em vários momentos para debater as implicações das relações apontadas pelo conto e suas violências e os periódicos do período. Teoria, crítica e criação estão o tempo todo se realimentando, num movimento cíclico, sem final estabelecido.

O trabalho criativo se desenvolveu a partir de conceitos

JORNAL  
DAS FAMILIAS

PUBLICAÇÃO ILLUSTRADA  
RECREATIVA, ARTISTICA, ETC.

ANNO DE 1877



RIO DE JANEIRO  
B. L. GARNIER, EDITOR-LIVREIRO

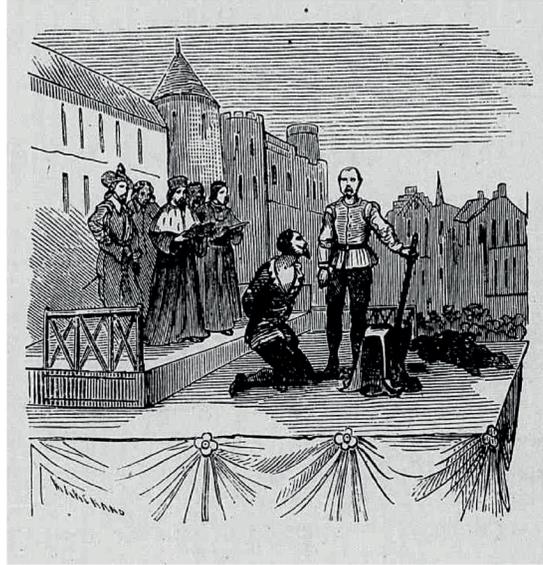
65, RUA DO OUVIDOR, 65

*Fig.2: "Jornal das familias", 1877. Segunda Capa. Disponibilizado pelo projeto "A circulação transatlântica dos impressos: a globalização da cultura no século XIX".*

operatórios como repetição, gestualidade e apropriação, produzindo imagens e sequências que têm como característica a elipse, a experimentação gráfica e a abstração, distanciando-se da narrativa linear tradicional, trazendo suas fronteiras para o centro da obra. Busquei me apropriar de imagens do jornal em que o conto foi publicado em 1876-77, “O Jornal das Famílias” (Fig.2).

Nicolas Bourriaud em seu livro “Pós-produção: como a arte reprograma o mundo contemporâneo”, discute as características comuns de apropriação na arte contemporânea. Para o autor “a arte apresenta-nos contra-imagens” (2009, p.110) e com isso propõe: “Em vez de se ajoelhar diante das obras do passado, usá-las” (2009, p.110). “Sem olhos ou ecos de Maria” caminha junto dessas proposições ao usar as formas pré-existentes para compor grande parte do trabalho, assim como o trabalho de samplear dos DJs, que dão nova vida a fragmentos musicais. Essa nova vida, aqui, é uma “contra-imagem”, tanto por tensionar as noções de original e criação enquanto tábula rasa, mas também por fazer ressurgir essas imagens como contraponto de posturas histórias que elas mesmas ajudaram a criar. É uma releitura crítica e heterocrônica que traz ao contemporâneo certas sobrevivências desse objeto cultural do século XIX, incluindo aí não apenas o conto de Machado de Assis, mas também o espaço da imprensa a partir do jornal em que ele circulava.

O desafio nesse processo foi “tomar posse” dessas imagens, “habitá-las”, como propõe Bourriaud (2009, p.14). Procurei manter algum tempo de deriva sobre esse material, sem me preocupar em acelerar as conclusões, apenas buscando explorar algumas entradas. Assim como o conto apresenta um horror que camufla uma postura moralista, o jornal em que ele é alocado reforça tal aspecto. Em suma: delineavam muito bem as fronteiras do espaço feminino: interno e superficial. As imagens não dizem o contrário, nas três edições do jornal encontrei algumas ilustrações de contos – que mantém essa separação



*Fig.3: "Jornal das famílias",  
1877. Duas ilustrações da  
edição de 01 de janeiro de 1877.  
Disponibilizado pelo projeto "A  
circulação transatlântica dos  
impressos: a globalização da  
cultura no século XIX".*

do homem enquanto dominante do espaço público e das ações ativas, e mulheres em espaços privados e afazeres cortesias (Fig.3). Além das ilustrações, muitas imagens dedicadas à moda e à costura, com padrões de tecido e dicas. Sobre essas imagens é que eu me debrucei para criar a HQ.

A apropriação não era apenas das imagens, de Machado de Assis selecionei todas as ocorrências da palavra olhar e suas variantes – mais de 70 – recortei frases e procurei referências que também lidassem com o olhar. Foram esses os elementos que eu utilizei para experimentar diferentes entrelaçamentos, em uma quadrinhização “como deslocamento ou montagem de outros objetos culturais” (VERA LÚCIA FIGUEIREDO, in: VILLA-FORTE, 2019, p.12).

Reciclagem, reaproveitamento, remixagem, transfiguração. Aquilo que resulta em obras que não foram feitas necessariamente sob inspiração de outras obras ou do estudo ou da simulação de suas linguagens, mas por meio de apropriação direta de textos, sons ou gravações preexistentes, numa espécie de copiar e colar incessante. O gesto de fazer de um conteúdo original uma outra coisa, mas não por meio de uma nova invenção, e sim pela reproposição ou reenquadramento pela seleção, edição e recontextualização. (VILLA-FORTE, 2019, p.19)

“Sem olhos ou ecos de Maria” coloca em prática essas operações, reaproveita e remixa textos e imagens do século XIX reenquadrando-os no contexto atual. Para tanto, na deriva por esses objetos, procurei perguntar o que eles diziam para então reutilizar as imagens. Eu procurei que o reenquadramento não fosse alheio a eles – imagens e textos apropriados – mas que partisse das imagens, repondo-as para pensar nosso tempo a partir do que ainda há dessas imagens em nossa época. As imagens apropriadas possibilitam a ressignificação de discursos. Para Mitchell (2017), ao se debruçar sobre a questão: “o que as imagens realmente querem dizer”, as imagens querem o que não



*Fig.4: Adoração (Altar par Roberto Carlos),  
1966. Nelson Leirner.*

contêm; em outras palavras, as imagens também falam pela falta. Penso na aparente insignificância desses padrões, afinal, o que lhes falta é grandiosidade, a utilidade, o espaço livre, relegados ao masculino; ao menos, por meio dessas mesmas imagens, do espaço feminino que resta, pode-se encontrar algumas brechas e estratégias de sobrevivência e liberdade.

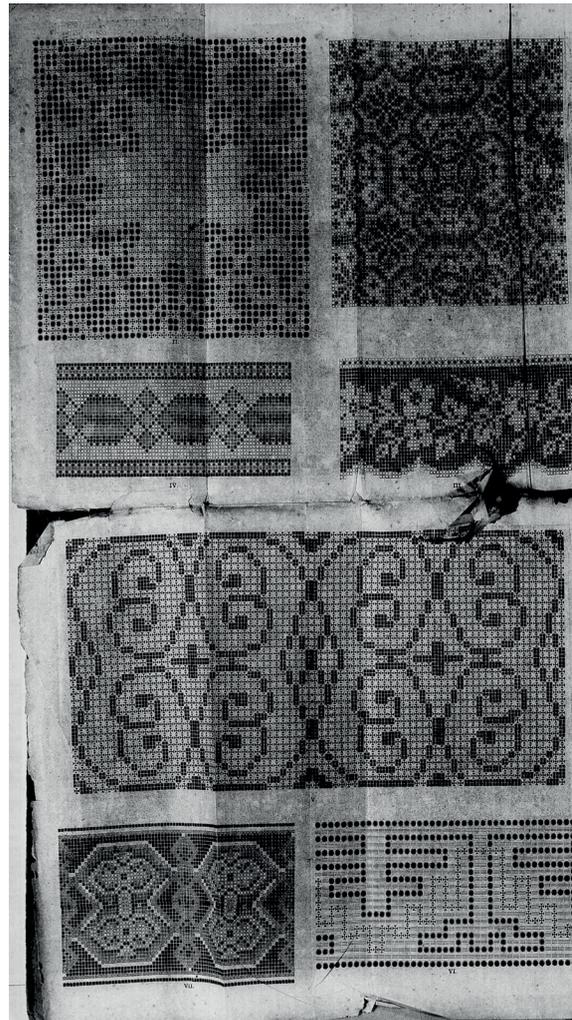
Cabe aqui lembrar do conceito de “imagens de segunda geração” (Fig.4), de Tadeu Chiarelli. Para o crítico, essas imagens têm sido base de uma grande quantidade de obras contemporâneas, com força desde a década de 1960, tanto no Brasil, quanto no exterior.

(...) caráter dessa produção feita no Brasil é bastante diferente daquela produzida sobretudo nos Estados Unidos. Se lá percebe-se o tratamento distanciado, irônico e 'cool' que artistas como Lichtenstein e Warhol dão as imagens de segunda geração com que trabalham, aqui é nítido um engajamento do artista brasileiro em relação à imagem escolhida no “banco de dados”. (CHIARELLI, 1987, p.7)

Essa preocupação por um posicionamento frente às imagens de segunda geração é, para Chiarelli, marcante na produção nacional; postura essa que também me interessa, indagar o que a imagem diz sobre nosso tempo, ou o que disse lá, quando de seu primeiro aparecimento, mas que se manteve fora da luz da época. Chiarelli reafirma ainda o quanto essa tendência de produção cria vínculos com a antropologia, história da arte ou com os meios de comunicação de massa, e é nesse diálogo que tenho me apegado. Em geral, teço os fragmentos apropriados em relações que respondessem ao meu incômodo ao ler o conto e encontrar nele um discurso moral tão pulsante.



*Fig.5: “Jornal das famílias”, 1877. Ilustração de 01 de janeiro de 1877. Disponibilizado pelo projeto “A circulação transatlântica dos impressos: a globalização da cultura no século XIX”.*



*Fig.6: “Jornal das famílias”, 1876. Duas ilustrações da edição de 14 de dezembro de 1876. Disponibilizado pelo projeto “A circulação transatlântica dos impressos: a globalização da cultura no século XIX”.*

### 1.3.1. Algumas apropriações ou contaminações

A apropriação de imagens é algo recorrente na prática da abstração nos quadrinhos, como afirma Thierry Groensteen:

Podemos distinguir dois tipos. Em alguns, a abstração é “nativa”; nos outros, a abstração é obtida, é o resultado de uma operação de apagamento, embaralhamento, sobreposição ou distorção aplicada a uma imagem inicialmente figurativa. (GROENSTEEN, 2011, p.13. Trad. nossa)<sup>1</sup>

O segundo tipo de imagens é o qual se enquadra a produção desse trabalho, tanto visualmente, quanto verbalmente. Praticamente todo o processo criativo se deu a partir do debruçar sobre o texto machadiano e imagens da revista em que foi publicado originalmente, sejam ilustrações (Fig.5) ou padrões para bordado e costura (Fig.6).

Explorá-los pelo uso das imagens e da materialidade, costurando diferentes períodos – o do séc. XIX e o contemporâneo – leva a uma revisão crítica desses objetos, imagens de segunda geração, reforçando, contrariando, distorcendo ou ampliando seus significados originais; essa foi a estratégia escolhida para esse trabalho.

Nas artes visuais, temos exemplos como a obra “Assentamentos”, de Rosana Paulino (Fig.11), retrabalha fotos do séc. XIX, denunciando a base racista da história e da ciência, construindo uma narrativa contra-hegemônica da negritude no Brasil. Enquanto Rivane Neuenschwander (Fig.8) se apropriando de obras literárias cria “O Alienista”, 2019, como o conto homônimo de Machado de Assis. O movimento de Rivane traz de maneira indireta a obra de Machado ao contemporâneo, pois ela não utiliza de imagens de segunda geração, a apropriação dela é do significado cultural geral do peso do conto – ou novela – machadiano.



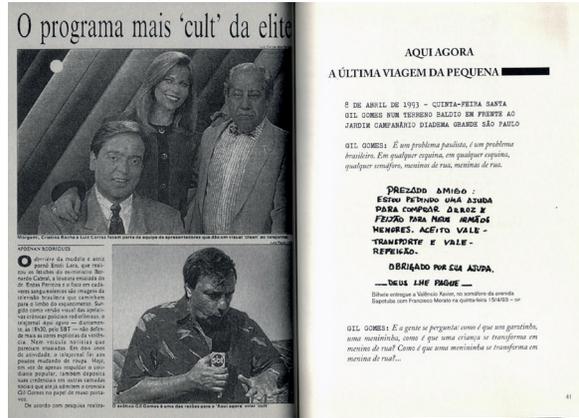


Fig.7: "Nóia", 2018. Diego Gerlach.  
Capa.

Fig.8: "O Alienista", 2019. Rivane  
Neuenschwander.

Fig.9: "Rememorações da menina de  
rua morta nua e outros livros", 2006.

Fig.10: Katz, 2011. Ilan Manouach.

Fig.11: "Assentamento", 2013. Rosana  
Paulino.



Na literatura também temos exemplos de apropriação, Valêncio Xavier (Fig.9) um dos principais nomes a se destacar, em obras como “Rememorações da menina de rua morta nua e outros livros”, 2006, o autor usa imagens históricas, recortes de jornal, folders publicitários, entre outras imagens para desenvolver suas narrativas.

Nas histórias em quadrinhos também encontramos exemplos de apropriação recorrentes, como Diego Gerlach em “Nóia” (Fig.7), 2018, distorce a imagem de personagens da série “Turma da Mônica”, apresentando-os não mais como crianças inocentes, mas sim como jovens desviados. Ilan Manouach, em “Katz” (Fig.10), reproduz todo o livro “Maus”, de Art Spiegelman, trocando as cabeças dos personagens por cabeças de gato – no original, os judeus são ratos, nazistas alemães gatos, poloneses porcos, entre outros.

A apropriação é uma estratégia de criação que potencializa diferentes maneiras de ver; uma releitura de objetos e discursos passados. No “Jornal das Famílias”, ficam expostos de maneira muito clara os jogos sociais, as máscaras e as relações morais impostas na sociedade do século XIX; essas relações impulsionaram o trabalho poético de “Sem olhos ou ecos de Maria”.

#### **1.4. INSTAURAÇÃO OU DE QUANDO A MÃO COMEÇA A PENSAR**

Busquei pensar essas ferramentas de controle e encontrar os símbolos ligados ao feminino no conto e na revista “Jornal das famílias”, para guiar o processo de criação. Todo o trabalho foi desenvolvido em formato digital, utilizando o photoshop, com o manuseio das imagens digitalizadas da revista. Tinha em mãos a narrativa machadiana, as imagens e alguns textos do jornal e foi a partir desses elementos que mais se repetiam ali que iniciei os primeiros recortes.

Ainda que eu viesse pensando sobre esse trabalho desde o

início de 2019, apenas em fevereiro de 2020 a sua materialização passou a fluir. Em uma busca de referências, estava relendo sobre os autores do poema-processo e encontrei a obra “A corda”, de Neide de Sá, 1967 (Fig.12). A obra consiste em colagens que reúnem imagens de pensadores e ativistas com palavras e trechos de chamadas jornalísticas. Em especial a colagem com a imagem da filósofa Angela Davis me chamou atenção. Comecei a reunir alguns trechos de obras de outras mulheres pensando nessas tensões seculares de apagamento e resistência, estratégia e tática. Entre as várias possibilidades, acabei utilizando imagens de Neide de Sá, Tarsila do Amaral, Rosana Paulino e Lygia Pape e fragmentos textuais de Clarice Lispector e Maria Firmina. Assim tomou forma o capítulo introdutório da HQ, nomeado “Atemporal”. Esse capítulo deu vazão para o restante do trabalho, ressignificando a presença do apagamento em tensão com a liberdade de olhar e de exposição desse mesmo olhar.



Fig.12: “A Corda”, 1967.  
Neide Sá.

### 1.4.1. Títulos narrativos ou costurando com palavras

Enquanto eu trabalhava as imagens, encontrava diferentes maneiras de criar séries com elas. Percebendo que algumas relações eram bastante distantes do conto, passei a utilizar dos títulos para criar conexões mais fortes entre as formas quadrinhísticas que criava e o conto machadiano. Assim, os títulos acabam sendo mais narrativos ou descritivos do que muitos dos capítulos. Seguem os títulos e detalhes do processo de criação dos capítulos:

*“Do respiro de Maria após ler a anedota de Paulina Philadelphia e lembrar de sua história ou o espaço das rendas”*, título bastante descritivo, liga a HQ ao conto e também expressa o espaço simbólico feminino que se constrói com base na fragmentação rítmica das estampas na página e de um monólogo-resposta à “anedota de Paulina Philadelphia”. É a partir da ligação entre um novo relato e a repetição dos padrões do espaço feminino da costura que se constrói o primeiro capítulo. Além do jogo de quadrinhização que evidencia a vontade de extrapolar o espaço fechado, o final do capítulo (nas duas últimas páginas) soma outras simbologia a partir da colagem da planta de uma igreja junto da estampa rasgada e outros “cacos” de manchas pretas – essas manchas também foram retiradas das edições escaneadas do periódico.

*“Todas essas cabeças estranguladas e olhos estrangulados e bamboleantes fungos que crescem e gritam de troça! Ou lembro como se fosse hoje”*, o primeiro trecho do título vem do livro “Papel de parede amarelo”, de Charlotte Perkins, publicado pela primeira vez em 1892 e mostra um dos momentos em que a personagem, olhando para o papel de parede do quarto, começa a ver formas e se sentir oprimida e atormentada. Trouxe a referência para a HQ por conta da recorrente ideia da mulher histérica e frágil, que deve ser cuidada e por isso tem seus impulsos impedidos ou deslegitimados, além da sensação de grotesco que o trecho me passa, que casa bem com o segundo trecho do título “lembro como se fosse hoje”, que reflete



Fig.13: Página do "Jornal das Famílias", 1876. Edição de 14 de dezembro.

Fig.14: Mancha retirada de rasura no da imagem digitalizada do "Jornal das Famílias", 1876. Edição de 14 de dezembro.

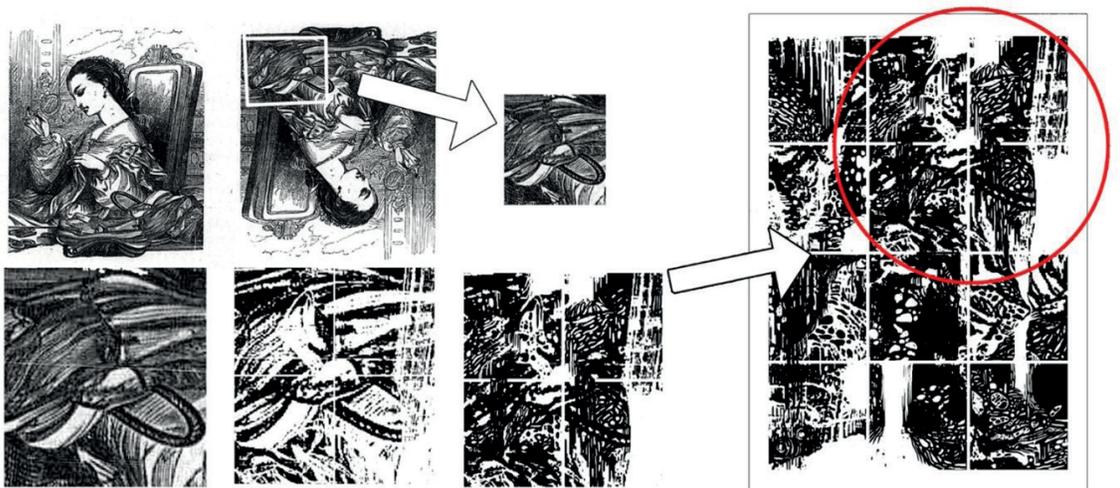


Fig.15: Ilustração do processo de criação em "Sem olhos ou ecos de Maria", 2019.

a abstração grotesca e violenta do capítulo. A imagem pixelada foi editada para eliminar os tons de cinza, gerando um alto contraste. Página a página foram somadas grafias em preto e branco para aumentar a sensação de um corpo interior, orgânico, com fluidos e ranhuras (Fig.13 a 14). É uma sequência de pouco significado narrativo, que busca afetar o leitor em outros níveis de percepção. Se no conto o horror era amenizado com a narração em moldura, só uma história distante, mas com sérias implicações de intimidação; aqui ele é trazido à centralidade, evidenciado antes de qualquer compreensão dos acontecimentos; o grotesco é aqui abstração, dúvida e violência.

*“Não: o que te escrevo é de fogo como olhos em brasa ou de quando Maria foi jogada de volta ao seu templo”*; A primeira oração do título é fragmento do livro *“Água viva”*, da escritora brasileira, Clarice Lispector, livro rápido de um fluxo de consciência que utiliza de uma escrita liberta, aberta e potente; uma imaginação que incomoda, assim como incomodou o mínimo ato liberto de Lucinda. Esse capítulo funciona visualmente como um desdobramento do anterior – toda essa HQ foi realizada na sequência em que se apresenta no livro final, ainda que cada parte tenha sofrido algumas alterações e ajustes posteriores, ela se construiu como reflexão e diálogo meus com o conto e as imagens do jornal –, no capítulo, eu repito as imagens grotescas, mas acrescento um relato verbal que pode ser atribuído a Maria do Céu. O texto foi remodelado a partir de fragmentos de texto do conto machadiano; a descrição que a personagem Damasceno faz sobre Lucinda foi retrabalhada e transformada em um relato em primeira pessoa, acompanhando os ruídos das imagens anteriores espaçadas por quadros brancos que dominam o espaço página a página (Fig.16), seguidos de um retorno das imagens orgânicas acrescidas dos símbolos religiosos e das estampas;

*“Sobre quando proibições são tomadas por dádivas e as dívidas são criadas ou territorialização das musas”*, esse título aponta para a limitação de acesso ao mundo apresentada sob a ideia

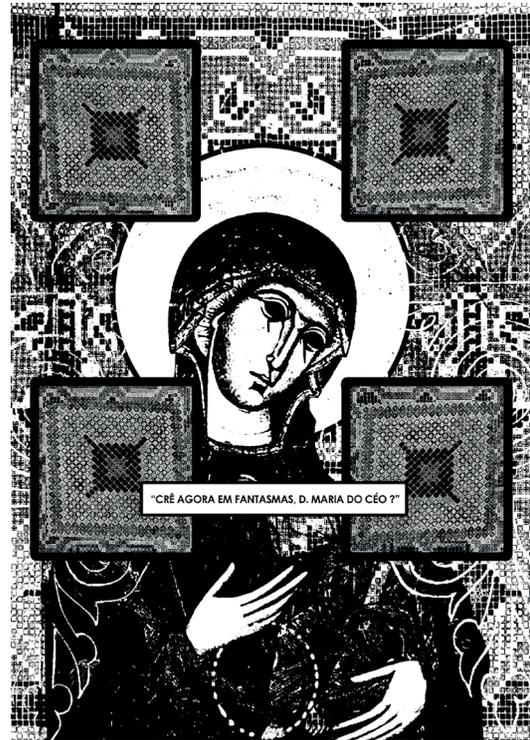
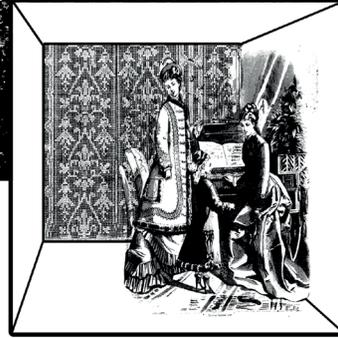
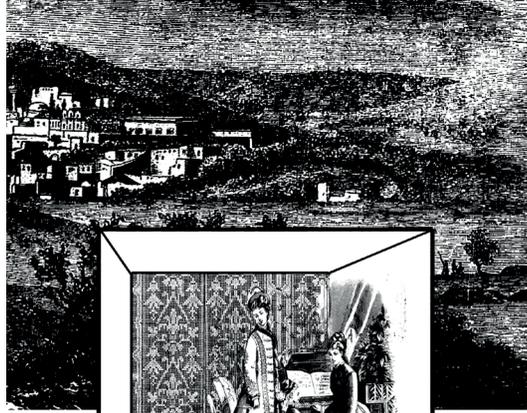
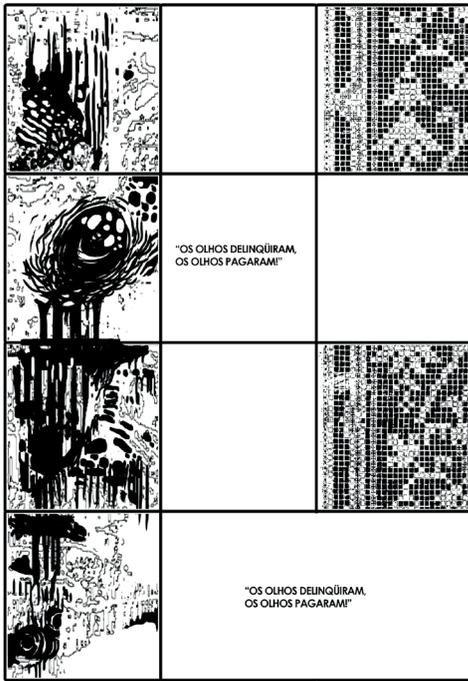


Fig.16: "Sem olhos ou ecos de Maria", 2019.

Fig.17: "Sem olhos ou ecos de Maria", 2019.

Fig.18: "Sem olhos ou ecos de Maria", 2019.

Fig.19: "Sem olhos ou ecos de Maria", 2019.

de “proteção do mais fraco pelo mais forte”. Mesclando as imagens das estampas com cenas abertas, espaços urbanos e homens em diferentes afazeres, penso nas relações territoriais implicadas nas imposições sociais. Esse capítulo se divide entre o espaço masculino, sua prepotência e a liberdade que retêm só para si. Em oposição ao espaço da mulher, restrito, o do véu, da renda, da casa, do espaço fechado.

*“Fragmentos de um episódio de salão em que muito foi falado, mas somente um ponto foi dito ou de uma redução que ainda diz muito”,* um título referencial e autoexplicativo, resgata o enredo geral do conto “Sem olhos” e também pondera as possíveis simplificações ou reduções dessa recriação. Feitas por meio de um olhar miope, tenho consciência de nuances deixadas de lado; uma questão de escolha, busquei criar uma HQ com imagens que evidenciassem o contexto violento das imposições morais e dos bons costumes, que ora ou outra se mostram como proteção e apontam liberdades, mas acabam por manter tudo como sempre, num processo de secularização. Esse capítulo se desenvolve no espaço fechado, trechos do conto de Machado de Assis são colados em diálogo com as imagens de mulheres/Marias do Céu e padrões de tecido. “Maria do Céu tinha seus olhos baixos”; “Crê agora em fantasmas, D. Maria do Céu?”; sempre dentro da caixa, sufocadas, o capítulo se guia por esses dois trechos irônicos do narrador e do desembargador sobre a personagem.

## **1.5. MONTAGEM INFRANARRATIVA OU SEQUÊNCIA-CONCEITO**

“Sem olhos ou ecos de Maria”, na remixagem de imagens de segunda geração, acaba por ser um dos quadrinhos dessa investigação com mais presença da figuração e acaba colocando também em tensão as forças narrativas e não-narrativas. Groensteen (2015) chama de infranarrativo o quadrinho que tem

figuração, mas não firma uma narrativa “coerente”. O mesmo autor aponta para algumas relações infranarrativas entre imagens, sendo elas: “amálgame”; “catálogo”; “variação”; “declinação”; “decomposição”; “seriação” e “fragmentação”. Esses modos lembram que nem sempre o contato entre duas imagens gera narrativa. Nesses casos, assim como em boa parte de “Sem olhos ou ecos de Maria”, “o encadeamento de quadros não é determinado por uma inferência lógica, por uma ordem causal-dedutiva” (GROENSTEEN, 2015, 113). Muitas vezes o diálogo cria séries, sendo séries “uma sucessão contínua ou descontínua de imagens ligadas por um sistema de correspondências icônicas, plásticas ou semânticas.” (GROENSTEEN, 2015, 113).

Essas definições servem para pensar toda a presente investigação e não apenas essa HQ específica, mas a proximidade desse trabalho com a narrativa me instigou pensar com mais calma sobre o tema. A presença figurativa é amplificada pela referência ao conto machadiano, esses dois fatores são o bastante para vincular toda a “Sem olhos ou ecos de Maria” a uma narrativa, que a ronda, a invade e a abandona constantemente, ainda que seja composta por relações infranarrativas.

Formalmente explorei muitas relações como a fragmentação – em que uma imagem contínua é dividida pelos quadros –, que aparece no terceiro capítulo: “Todas essas cabeças estranguladas...”, uma vez que inverti a imagem da mulher costurando (que aparece na capa e recorrentemente durante a HQ), a dividi em 12 quadros e somei ruídos, pequenos apagamentos. Esses apagamentos e ruídos vão se ampliando página a página, ampliando a sensação de que algo pulsa e escorre, algo que a imagem não consegue conter. Outra forma de ordenação que é recorrente nesse trabalho é a variação, em que um mesmo tema aparece recorrentemente, em diferentes imagens, como os recortes de estampas que, ora sequencialmente, ora distantes, reaparecem em vários momentos da HQ. Quando se fala em relação entre imagens nas HQs, é importante lembrar



Fig.20: "Sem olhos ou ecos de Maria", 2019.

que não se refere apenas a imagens justapostas, mas também relações distantes, pois as imagens ecoam umas nas outras por toda a extensão da publicação, no que Groensteen (2015) chama de “tessitura” ou “entrelaçamento” (tressage).

Destaco esses dois elementos, pois eles servem para exemplificar o processo de construção dessa HQ, um grande trabalho de tecitura das referências textuais de “Sem olhos”, de Machado e imagens do jornal, coladas com algumas intervenções minhas sobre essas imagens e textos e pouquíssimas somas de novos elementos que ajudassem a costurá-las com nosso tempo.

Exemplo disso é o texto do segundo capítulo, “Do respiro de Maria...”. Aqui parti de uma anedota de Paulina Philadelphia, que encontrei na edição de 15 de janeiro de 1877 do “Jornal das Famílias”. Achei irônica a presença de uma piada que envolve a cegueira em uma edição que contém um conto que fala sobre a ação de cegar uma mulher. Utilizei desse recorte para começar o capítulo que se desenvolve com a fala em primeira pessoa que reverbera essa piada, colocando-a em relação com o conto. Aqui fica levemente indicado que a personagem que fala é Maria do Céu, personagem do conto de Machado. Esse trecho aponta para uma reflexão da personagem sobre os fatos do conto.

Uma senhora queixava-se d’uma fortissima dôr n’um dos olhos e perguntava a um sujeito se não sabia indicar-lhe algum remedio que lhe fizesse bem.

— Ha pouco tempo , disse elle , que tendo uma fortissima dôr de dente dei-me bem mandando-o arrancar , por isso creio que poderieis ficar boa se fizesseis o mesmo ao olho.

PAULINA PHILADELPHIA.

*Fig.21: Detalhe do “Jornal das Famílias”, 1876.  
Edição de 14 de dezembro.*

É uma montagem ampla que envolve muitos elementos distintos, agrupando alguns e opondo outros, colocando lado a lado elementos mais narrativos e outros infranarrativos ou de completa abstração. Tudo isso em um cruzamento de temporalidades.

Pensar por montagens seria atentar, respeitar ou, ainda, provocar heterocronias. Esse choque de tempos heterogêneos que explicita uma coexistência temporal conflituosa, de temporalidades mais complexas ou mesmo impuras, como diz Jeanne Marie Gagnebin (1999, p. 99), trata-se da “lembrança do passado que desperta no presente o eco de um futuro perdido” (BERENSTEIN, 221, 2018)

Procurei ecoar nessa grande mistura da HQ, rememorar um passado de violências ditas sutis, e o choque de tempos, assim como a forma que varia entre modos narrativos e não-narrativos. Em boa parte dessa quadrinhização eu abandonei as sequências narrativas para investir em sequências mais simbólicas, conceituais. Por conta da quantidade de diálogos muito distantes acabei com algumas dúvidas sobre a inteligibilidade do projeto. Diferente de outras obras, essa leitura mesclava a presença, o olhar háptico de operações mais matéricas ou conceituais, com uma montagem de referências e modos muito diferentes. Característica que se impõe no trabalho mais dinâmico de montagem dessa investigação, tornando claramente a “montagem algo observável pelo espectador, à maneira de mais ‘um recurso’, de forma que traga contribuições artísticas para além da organização, num fluxo cronológico geralmente pensado como natural” (2019, p.31), como afirma Villa-Forte sobre Eisenstein.

“Sem olhos ou ecos de Maria” foi a única das HQs dessa investigação que “coloquei à prova” antes de publicar. Enviei ela concluída para uma série de leitores de diferentes áreas. Alguns chegaram na obra machadiana outros não, mas todos devolveram leituras com base nas noções de imagem oitocentista, público x privado e a materialidade das estampas, que por si já apontam

para certos sentidos. Esse fato me mostrou que ainda que aberta e multifacetada, o trabalho estava inteligível, e reforçou a afirmação de Villa-Forte de que “(...) as operações de deslocamento e montagem são materializações de ressignificações por meio dos próprios objetos ressignificados” (2019, p.50)

## 1.6. ECOS DE MARIA OU UM PROCESSO ERRÁTICO FORMATIVO

Todo o trabalho de montagem de “Sem olhos ou ecos de Maria”, é para mim o exercício do próprio pensamento. Eu tentava elaborar alguma compreensão sobre os temas da violência e do impedimento de olhar a partir da forma. Entendo esse exercício errático de agrupar elementos distantes junto de Adolfo Montejo Navas:

Na natureza da colagem [...] procura-se responder a um mundo caótico, com sua credibilidade humanista afetada, instável com uma visão múltipla. Nessa tradução atraída pelo plural, reconhece-se o mistério de cada coisa e as certezas obrigatórias são rebaixadas de escalão, numa mistura de ‘sonho e reflexão’. O que se divisa na colagem é a condição enigmática da totalidade, agora fragmentada, redimensionada. [...] As justaposições e discordâncias são o trabalho de construção e desconstrução sobre uma matéria que é o acaso, o descontínuo, o acidente, a fragmentação do mundo em partes de acontecimento. Uma quebra representacional dentro da visualidade que responde a uma quebra maior, de sentimento e de entendimento do mundo. No fundo, cada fragmento é um desvio, um antídoto para essa totalidade examinada como canônica e insuficiente.” (Navas, in LONGO, 2017, p.144)

Extremamente poético, Navas encontra na colagem uma possibilidade de nos reorganizarmos diante do mundo, reorganizando um mundo. Ao pensar assim, “Sem olhos ou ecos de Maria” é parte de um processo que realmente procura ser, ou ao menos vislumbrar, um “antídoto para essa totalidade examinada como canônica e insuficiente”. Essa HQ é torta, agrupa tudo o que

não parecia ser agrupável de início. Forma-se em uma busca por um diferente entendimento da linguagem poética, como é toda essa investigação, ainda que seja apenas um lampejo. Nesse contexto, tenho olhado para as conjunções do meu trabalho com múltiplas produções e compreendido que existem uma série de pontos luminosos respondendo aos projetores que tentam cegar tudo.

Assim como existe uma literatura menor - como bem o mostraram Gilles Deleuze e Félix Guattari a respeito de Kafka -, haveria uma luz menor possuindo os mesmos aspectos filosóficos: “um forte coeficiente de desterritorialização”; “tudo ali é político”; “tudo adquire um valor coletivo” (DIDI-HUBERMAN, 2011, p.52).

Nesse sentido, há mesmo um valor coletivo nessa produção menor, seja a minha própria produção, em um diálogo interno, sejam as relações possíveis com trabalho outros, que ampliam e reforçam uma teia de trabalhos que se opõem à linguagem transparente e com isso, não apenas criam formas singulares, como também encontram outras questões, pontos de vista e sobrevivências.

## NOTAS

<sup>1</sup> . “On peut en distinguer de deux sortes. Dans les unes, l’abstraction est ‘native’; dans les autres, l’abstraction est gagnée, elle est la resultat d’une opération d’effacement, de brouillage, de recouvrement ou de distorsion appliquée à une image initialement figurative.” (GROENSTEEN, 2011, p.13).

## REFERÊNCIAS

BOURRIAUD, Nicolas. *Pós-produção: como a arte reprograma o mundo contemporâneo*. Trad: Denise Bottmann. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

CHIARELLI, Tadeu. *Considerações sobre o uso de imagens de segunda geração na arte contemporânea*. 1987.

CRESTANI, J. L. *Machado de Assis Colaborador do Jornal das Famílias: da periferia do romantismo para o centro da literatura brasileira*. Dissertação de Mestrado. FCL, UNESP, Assis, 2007.

DIDI-HUBERMAN, Georges. *Sobrevivência dos vaga-lumes*. Trad: Vera Casa Nova, Marcia Arbex. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

GROENSTEEN, Thierry. *Sistema dos quadrinhos*. Trad: Erico Assis. São Paulo: Criativo, 2015.

GROENSTEEN, Thierry. *Narration et Bande dessinée: système de la bande dessinée II*. Paris: PUF, 2011.

JACQUES, P.B. Pensar por montagens. In: JACQUES, P.B. & PEREIRA, M.S., comps. *Nebulosas do pensamento urbanístico: tomo I – modos de pensar* [online]. Salvador: EDUFBA, 2018, pp. 206-234.

LONGO, Celso. Entre a poética do frágil e a da resistência: abordagens gráficas e estratégias de comunicação na vanguarda brasileira dos anos 1960, in: *Vanguarda brasileira dos anos 1960 – Coleção Roger Wright*. São Paulo: Pinacoteca de São Paulo, 2017, p. 113-131

MICHELL, W.J.T. O que as imagens realmente querem?. in: ALLOA (org.). *Pensar a imagem*. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

MIRZOEFF, N. O direito a olhar. ETD - *Educação Temática Digital*, Vol. 18, No 4, 2016. 745-768.

SEIDEL, Vizette P. *Por trás da estante: Histórias da meia noite, de Machado de Assis*. Curitiba: Appris, 2020.

VILLA-FORTE, Leonardo. *Escrever sem escrever: literatura e apropriação no século XXI*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; Belo Horizonte: Relicário, 2019.

XAVIER, T. M. *A personagem feminina no romance de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Presença, 1986.

## LISTA DE FIGURAS

Fig.1: “Sem olhos ou ecos de Maria”, 2019. Capa. Arquivo Pessoal.

Fig.2: “Jornal das famílias”, 1877. Segunda Capa. Disponibilizado pelo projeto “A circulação transatlântica dos impressos: a globalização da cultura no século XIX”.

Fig.3: “Jornal das famílias”, 1877. Duas ilustrações da edição de 01 de janeiro de 1877. Disponibilizado pelo projeto “A circulação transatlântica dos impressos: a globalização da cultura no século XIX”.

Fig.4: Adoração (Altar par Roberto Carlos), 1966. Nelson Leirner. Disponível em: <http://arte72pm.blogspot.com/2011/12/nelson-leirner.html> . Acesso: 25/01/2022.

Fig.5: “Jornal das famílias”, 1877. Ilustração de 01 de janeiro de 1877. Disponibilizado pelo projeto “A circulação transatlântica dos impressos: a globalização da cultura no século XIX”.

Fig.6: “Jornal das famílias”, 1876. Duas ilustrações da edição de 14 de dezembro de 1876. Disponibilizado pelo projeto “A circulação transatlântica dos impressos: a globalização da cultura no século XIX”.

Fig.7: “Nóia”, 2018. Diego Gerlach. Capa.

Fig.8: “O Alienista”, 2019. Rivane Neuenschwander. Disponível em: <https://artebrasileiros.com.br/arte/rivane-neuenschwander-usa-filtro-de-machado-de-assis-para-ver-brasil-atual/> . Acesso: 21/01/2022.

Fig.9: “Rememorações da menina de rua morta nua e outros livros”, 2006. Valêncio Xavier. XAVIER, V. “Rememorações da menina de rua morta nua e outros livros”. São Paulo: Cia. das Letras, 2006.

Fig.10: Katz, 2011. Ilan Manouach. Disponível em: <https://ilanmanouach.com/work/katz/> . Acesso: 25/01/2022.

Fig.11: “Assentamento”, 2013. Rosana Paulino. Disponível em: <https://uncoolartist.com/entre-assentar-e-refazer-se/> . Acesso: 01/25/2022.

Fig.12: “A Corda”, 1967. Neide Sá. Disponível em: <https://galeriasuperficie.com.br/artistas/neide-de-sa/> . Acesso: 02/03/2021.

Fig.13: Página do “Jornal das Famílias”, 1876. Edição de 14 de dezembro. Disponibilizado pelo projeto “A circulação transatlântica dos impressos: a globalização da cultura no século XIX”.

Fig.14: Mancha retirada de rasura no da imagem digitalizada do “Jornal das Famílias”, 1876. Edição de 14 de dezembro. Disponibilizado pelo projeto “A circulação transatlântica dos impressos: a globalização da cultura no

século XIX”.

Fig.15: Ilustração do processo de criação em “Sem olhos ou ecos de Maria”, 2019. Arquivo Pessoal.

Fig.16: “Sem olhos ou ecos de Maria”, 2019. Arquivo Pessoal.

Fig.17: “Sem olhos ou ecos de Maria”, 2019. Arquivo Pessoal.

Fig.18: “Sem olhos ou ecos de Maria”, 2019. Arquivo Pessoal.

Fig.19: “Sem olhos ou ecos de Maria”, 2019. Arquivo Pessoal.

Fig.20: “Sem olhos ou ecos de Maria”, 2019. Arquivo Pessoal.

Fig.21: Detalhe do “Jornal das Famílias”, 1876. Edição de 14 de dezembro. Disponibilizado pelo projeto “A circulação transatlântica dos impressos: a globalização da cultura no século XIX”.

